DUAS PALAVRAS

ACERCA DAS

CORRIDAS DE TOUROS

SEGUIDAS D'UM

REGULAMENTO

PARA O TRABALHO DAS PEGAS

POR UM AMADOR

LISBOA
TYPOGRAPHIA NOVA MINERVA
150, R. N. DA PALMA, 154

1881

DUAS PALAVRAS

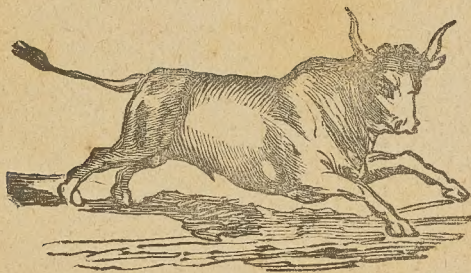
ACERCA DAS

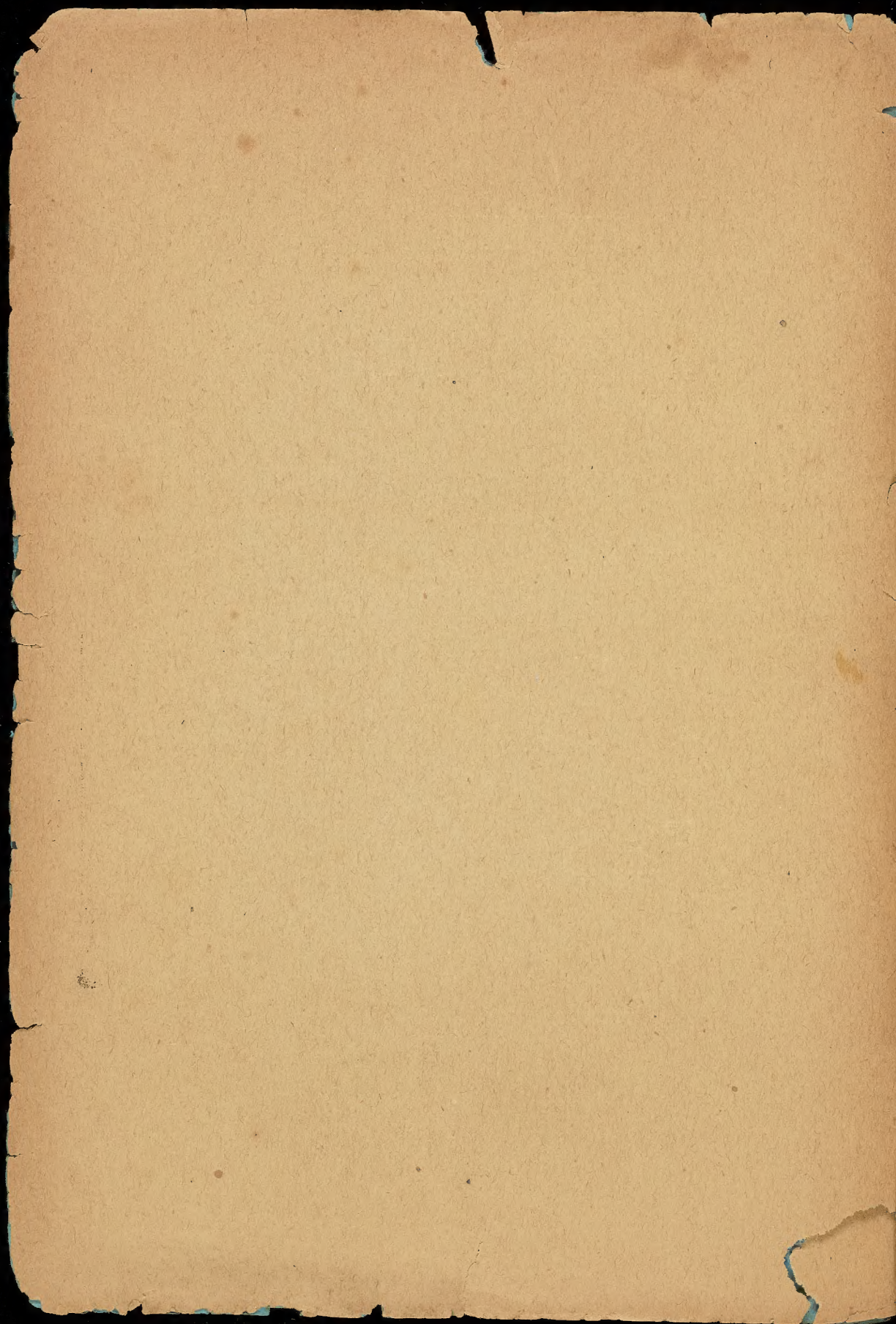
CORRIDAS DE TOUROS

SEGUIDAS D'UM

REGULAMENTO

PARA O TRABALHO DAS PEGAS

POR UM AMADOR

LISBOA
TYPOGRAPHIA NOVA MINERVA
150, R. N. DA PALMA, 154

1881

AOS

CAPINHAS PORTUGUEZES

O. e D.

O auctor.

ARTISTAS

Dedicando-vos este insignificante e modestissimo trabalho, desejo justificar o apreço que se deve aos sacrificios com que procuraes bem merecer do publico, expondo-vos a perigos que a gloria não compensa.

Trabalhaes para satisfazer aquelles, que mais das vezes vos esquecem.

Mas se é assim a missão do artista que vive do favor do publico! Pela arte tendes de dar a alma, a vida, e elle só vos paga como quer. Hoje, com a gloria, ámanhã com a censura ou com a indifferença.

AO LEITOR

Não é minha intenção, publicando as considerações que se seguem, preleccionar tauromachia. O que digo é o que todos sabem e apenas faço alguns reparos que julguei necessarios, para servirem de base a um regulamento que despertenciosamente apresento. Se os mais competentes entenderem, que póde ser adoptado, que o patrocinem com a sua auctorisada opinião e apresentem á censura dos poderes superiores.

Não reclamo a restauração das pegas, que entenderam alcunhar de attentatorias contra a moderna civilisação.

Não discuto...

Produzindo este trabalho, cedo unicamente ao pedido d'um amigo; confessando, porém, que a falta das pegas nas corridas de touros se torna muito sensivel, e muito especialmente nas touradas executadas por curiosos, em que geralmente appareciam valentes e audaciosos rapazes, que pela sua bravura e coragem se tornavam dignos das acclamações do publico, que sempre os applaudia com verdadeiro enthusiasmo.

Serão barbaras para muitos as corridas de touros, mas outros ha cujo espirito se levanta ao presencear essas pugnas, em que certamente ha o quer que seja de grande, nobre e admiravel. E mais heroicas foram de certo, do que a nossa, as gerações que as acceitaram e desenvolveram.

PRIMEIRA PARTE[1]

I

Difficilmente qualquer antiquario por mais que confrontasse. que procurasse, que fosse em fim desacommodar da mais velha livraria o escondido e empoeirado manuscripto ou impresso, ficaria auctorisado a dizer aos amadores das touradas o dia e em que parte da terra saiu á praça o primeiro touro, e qual o primeiro toureiro, que jogou a vida para divertir esta boa humanidade!!

Tiveram origem as corridas de touros, quando os romanos davam leis ao mundo, dizem uns, querendo que fossem ellas a modificação dos circos, em que se davam as luctas crueis e barbaras dos homens com as feras. Como o poderemos nós acreditar se, para esses espectaculos, como lhes chamavam, eram só escolhidos os animaes ferozes, sanguinarios, e o touro, honra seja aos bons romanos d'aquelle tempo, nunca assim o consideraram; por isso o não admittiam n'aquelles *civilisadores concursos.*

Affirmam alguns escriptores hespanhoes que foram as festas de touros conhecidas no tempo dos godos, o que não confirma uma *Noticia dos espectaculos em Hespanha*, recopilada por Manuel Garcia.

Crêem alguns que, harmonisados mouros com christãos, foram aquelles os primeiros a lidar com touros em Toledo, Cordova e Sevilha, ao tempo que se davam jogos de cannas, torneios e outras luctas. Havendo antes quem já tivease lançado bois no campo e dizem que

1 A primeira parte d'este folheto já foi publicada no jornal o *Toureiro* pelo mesmo auctor.

o primeiro hespanhol que a isso se atrevera, com espanto de todos que o acompanhavam, fôra Rodrigo de Vivar, ou Cid o Campeador.

Não explica claramente a noticia os pormenores d'este facto, que foi como se vê o espanto da gente, que o presenciou. Apenas podemos citar as seguintes palavra d'um outro escriptor, fallando d'este assumpto: que por muito valente que fosse Rodrigo de Vivar, não esperaria um touro a pé firme, como D. Quixote esperava os leões que vinham de Africa; e que não pode concluir-se que fosse Cid o primeiro toureiro.

O que parece fóra de duvida, é que d'este exemplo se seguira alguns cavalleiros irem buscar touros á serra de Ronda para os lançar publicamente, fazendo notorio o seu arrojo.

II

Como o povo fosse convidado a assistir a estas festas, principiaram a tomar a forma de espectaculos, em que se empenhavam os moços da primeira nobreza, tornando-se galanteria entre os cavalleiros hespanhoes convidar as damas a presenciar as suas lides.

Depois de lançados completamente os touros pela fidalguia, dava-se o signal para todos poderem saltar á arena, e em grande confusão a plebe enchia o circo ou praça, correndo a matar o touro com paus, chuços e outras armas. Esta desordem produziu entre os romanos, que tambem usaram estes festejos, as mais horriveis tragedias. Só no anno de 1332 morreram dezenove cavalleiros e muitos plebeus, sendo outros victimas de varios ferimentos mais ou menos graves. Assim o affirma D. Nicolás de Moratin na sua *Carta historica sobre a origem das festas de touros* impressa em Madrid no anno de 1777.

III

Por maus resultados foram prohibidas em Italia as festas de touros. Em Hespanha porém continuaram a aperfeiçoar-se até ao reinado de D. João II, epocha em que foram construidas varias praças, sendo uma d'ellas

a de Madrid, mas não no mesmo local onde hoje se acha situada.

Querem outros que fosse na Africa que tiveram principio as corridas de touros. Conta Abenamar que sendo estudante de direito em Alcalá, comprára por *oito quartos* um documento historico escripto em arabe intitulado: *Historia das corridas de touros, feitos e sortes famosas do celebre lidador Ali-Murin* (o vesgo) que era neto d'outro Ali-Murin tambem vesgo.

Refere a noticia que desde creança mostrára Ali-Murin decidida vocação para tourear, pois se entretinha a desafiar os carneiros e os bezerros, tentando-os e citando-os com o lenço, e que mais tarde, por occasião d'uns festejos, se apresentára em uma praça e em frente d'uma quadrilha de toureiros a pé e a cavallo, vestidos todos de seda com guarnições de ouro e prata.

Ao som dos clarins e timbales se apresentou ante um publico immenso, o famoso Ali-Murin com o seu capote no braço.

Sahido o touro lançou por terra alguns dos combatentes, o que muito impressionou o publico. Ali-Murin, desenrolando então o seu capote, recebeu o touro com a serenidade e confiança de quem tem a consciencia do que vae executar, certo do resultado da sua aptidão e destreza. Terminou as suas sortes pondo o pé na testa do touro e saltando-o com toda a ligeireza.

Coroaram-lhe os seus esforços o enthusiasmo do publico, que por toda a parte fez resoar a sua immensa fama. Chegado a este ponto da traducção conta Abenamar, que lhe fôra desencaminhado e rasgado por um anafado gato maltez o curioso documento, fazendo com que ficassem sepultadas no esquecimento as façanhas tauramachicas do audacioso Ali-Murin.

«Maldito gato, diz o auctor, fiquei por tanto a meio caminho na diligencia de conhecer a origem das corridas de touros. Se o mofino animal não me perde o manuscripto, tornar-me-hia celebre por *oito quartos*. Vejam senhores em que está a fama do homem!!...

IV

Construidas, pois, algumas praças de touros, ainda que muito imperfeitas e fóra das condicções que mais tarde se reconheceram indispensaveis, o espectaculo progrediu animado e protegido não só pela nobreza como por muitos dos principes, a ponto de que a rainha D. Izabel a Catholica, julgando perigosa a sua influencia, o communicou ao seu confessor n'uma carta inserta no livro de Gonsalo de Oviedo, sobre os officios da casa de Castella.

Manifestou Carlos V decidido gosto pelas festas de touros, protegenndo-as e elevande-as á maior grandeza como espectaculo nacional. Affirmam que este monarcha laçava touros com summa perfeição, e que para festejar o nascimento de seu filho Filippe II matára um touro á lança na praça de Valladolid.

Tambem el-rei de Portugal D. Sebastião foi notavel nas lides tauromachicas, e é citado por D. Gregorio de Tapia nos seus *Exercicios de ginete*, assim como D. Fernando Pizarro, conquistador do Peru, D. Diogo Ramires de Hazo e outros muitos cavalleiros, cujos nomes se acham inscriptos em varios livros e artes de tourear a cavallo.

Ainda as festas de touros augmentaram de esplendor até que Filippe V, subindo ao throno, reprovou taes espectaculos, e fez com que a nobreza se affastasse d'elles.

V

Entre nós, onde as corridas já eram conhecidas, tambem os nossos fidalgos se davam com enthusiasmo ao exercicio de tourear a cavallo, e entre muitos notaveis, teve o primeiro logar o nobre marquez de Marialva, que deixou regras que ainda hoje são leis na arte.

Viu este fidalgo morrer seu filho, o conde de Arcos, n'uma praça em Salvaterra, ou Samora, segundo outros.

Apesar de soffrer tão violento golpe, pediu o nobre fidalgo licença a el-rei D. José para descer ao circo e

vingar no touro a morte de seu filho. Com a alma despedaçada aguardou a féra, e com o braço firme deu-lhe a morte!

Foi grande de certo a lucta porque passou aquelle coração! E quem melhor quizer julgal-a, leia um pequeno esboço historico magnificamente escripto pelo sr. Rebello da Silva, em que as bellezas litterarias compensam bem o leitor da impressão dolorosa que lhe possa produzir o desenlace de tão horrivel tragedia.

VI

Eram rigorosos os preceitos no toureio a cavallo. Usava-se o *rojão* e todas as vezes que o cavalleiro se destribava, perdia o chapéo ou o *rojão*, apeava-se e já não tornava a montar sem se desafrontar, matando o touro, o que entre nós, como os leitores sabem, foi usado, sendo mais tarde substituido nos touros farpeados, por um ou dois pares de ferros postos pelo cavalleiro.

Os nossos modernos cavalleiros, acharam meio de se pouparem a esses embaraços, e fizeram bem. Nós como bons amigos, approvamos o expediente, desejando que nunca se altere.

Com o tempo se foram reformando as praças e começaram a ser mercenarios os toureiros, se já antes alguns d'elles o não eram, o que se póde deprehender de uma ordenação dirigida aos prelados, em que classifica de infame o mister de lidar com feras por dinheiro.

Estabelecidos os preços foram as praças abertas á concorrencia publica, applicando-se as sobras a beneficio de instituições de caridade.

Com o uso veiu naturalmente o aperfeiçoamento dos jogos, que se executavam com os touros, e se o publico até então olhava indifferentemente o modo como se dava a morte ao touro, qual não foi a sua surpresa quando viu Francisco Romero (de Ronda) um dos primeiros que, de cara a cara e a pé firme, esperou um touro, armado de estoque, e defendendo-se corpo a corpo, com o auxilio da *moleta*.

Seguiram-se-lhe, não com menos dextreza, o celebre cavalleiro Godoy (curioso), Pinto, Rastro, e Lorencillo, que foi mestre de Candido, Melchor, Martincho, e depois João Romero, Pedro Romero, Joaquim Costillares, João Conde e José Delgado.

VII

Assim como os mouros se serviam dos seus albornós para sortear os touros, da mesma fórma começaram os toureiros hespanhoes a procurar, com os capotes, burlar os touros e fazer-lhes os enganos.

D'aqui nasceram uovas sortes e joguetes que, á proporção que se iam aperfeiçoando, mais os espectadores se enthusiarmavam, e applaudiam aquelles toureiros, a cuja destreza e intrepidez se devem varias sortes e exercicios, como a lançada a pé, os parches, *escriptos*, alguma coisa de bandarilhas, que na primitiva se não punham aos pares e sim uma por cada vez, a a que se chamava *arpão*, e o salto de *testuz*, em que foi notavel José Candido, toureiro, que confiava tanto em si, que levou o arrojo a matar touros com um punhal, defendendo-se apenas com o chapéo; e simplesmente com este mesmo auxilio muitas vezes enfadava os touros e os parava a ponto de se sentar no chão diante d'elles. Além d'estes, outros se tornaram celebres, como o famoso bacharel de Falces, que foi insigne capeador.

Foi no reinado de Fernando VII que se instituiu em Sevilha a primeira escola de tauromachia theorica e pratica, pelos mais experimentados professores.

As primeiras regras de toureio publicadas em Madrid e escriptas por D. Gaspar Bonifaz, só tratam do toureio a cavallo.

Tambem em 1726 D. Nicolau Rodrigo Novelli publicou a *Cartilha de tourear*, e só de D. Luiz de Arejo e D. Diogo de Torres se conhecem alguns escriptos sobre o toureio a pé, a que se chamava *Empenho a pé*, pois parece que o maior numero de regras se referiam aos cavalleiros ou *rejoneadores*.

Em 1750 publicou D. Eugenio Garcia Baragâna, um

pequeno tratado de tauromachia, em que faz as seguintes advertencias aos toureiros a pé:

«O vestuario deverá ser não só agradavel á vista dos espectadores, como proprio para resguardar o mais possivel o corpo do toureiro, de qualquer dos insultos a que está exposto.

«Que as meias sejam atadas frouxas e que os sapatos tenham uma sola só e sem tacão, o que ainda hoje é seguido por quasi todos os toureiros. Que o capote seja pesado, posto com garbo e sem affectação.

«Que o fim principal do bom toureiro deve ser, realisar todas as snas sortes, procurando evitar as desfeitas do touro, e conciliando assim com a segurança propria, a satisfação dos espectadores.»

«Recommenda que os *avisos* (desafios) aos touros sejam sempre pronunciados em voz moderada[1].

«Apenas o touro sae á praça cumpre ao toureiro penetrar-lhe as intensões, para que, couhecedor d'ellas, melhor possa estudar rapidamente o que tem a fazer[2].

«Todas as vezes que o toureiro saia victorioso d'algum lance, retirar-se-ha sem a menor pretensão, com o que ganhará maior numero de applausos.»

Adverte tambem alguns recursos para as sortes de bandarilhas, mas que omitti por difficientes e applicaveis só a uma por cada vez. Nas *Artes* de Delgado e Francisco Montes, obras mais perfeitas e escriptas qnando a arte progrediu, encontram-se regras, de que ainda os modernos toureiros se não tem affastado.

Em vez do *rojão*, passou a usar-se a vara de *deter*, de que actualmente se servem os picadores. Entre os primeiros figuram D. José Lara, Gamero, Fernando de Toro, Varo, Gomes e Nunes. Tanto estes picadores co-

[1] A experiencia tem mostrado a necessidade, de por algumas vezes se faltar a esta bem entendida recommendação, em occasiões que o aviso deve ser em voz mais que moderada.

[2] Nas nossas praças para o artista que fôr á porta da gaiola, é impossivel observar este preceito; o que prova a inconveniencia da sorte, mas que entre nós é brilhantissima e festejada, sempre que saia completa, tendo mais a vantagem de ser logo aproveitado o touro.

mo outros que se lhe seguiram, eram rigorosos seguidores dos preceitos impostos pelos mestres para sua defeza e dos cavallos, que procuravam sempre salvar e não sacrificar nas armas dos touros, como hoje se vê, chegando a ser reprovados os que o não fazem.

Só ao mau gosto de certo publico, se póde attribuir a decadencia á que chegou o toureio a cavallo n'estes ultimos tempos, em que são levados ás praças, cavallos que apenas se arrastam como victimas que vão ser das investidas dos touros, e destinados tão sómente a augmentar o numero dos mortos.

Para prova de que não foi assim na sua origem bastará ver José Delgado Hillo, que na sua *Arte de tourear a cavallo e a pé* diz o seguinte:

«Um dos principaes cuidados que os piccadores devem juntar ao seu conhecimento, é a escrupulosa *escolha* de cavallos a proposito, para *resistir* ao combate d'uma fera de tão reconhecido valor como é o touro.»

Diz Montes: «O toureiro a cavallo deve ter valor, um physico robusto e perfeito conhecimento da sua sua arte, além de ser cavalleiro consummado.»

Touros puros e touros picados

A classificação de bois puros descobriu-a o interesse especulativo dos emprezarios, para mais convidar o publico, que grita depois, que os bois eram picados se estes não satisfazem.

E o que conseguiu o empresario?

Ter os mesmos espectadores e crear mais um embaraço pelo que ninguem lhe tomava contas.

E o mais é que para affirmar a *pureza* do gado empenham-se sempre (segundo o cartaz) o lavrador e o emprezario.

Supponhamos que depois de qualquer corrida, que houvesse sahido má, um e outro fossem multados por se attribuir á *impureza* do gado o mau successo da tarde; onde estava o jniz para decidir tal contenda,

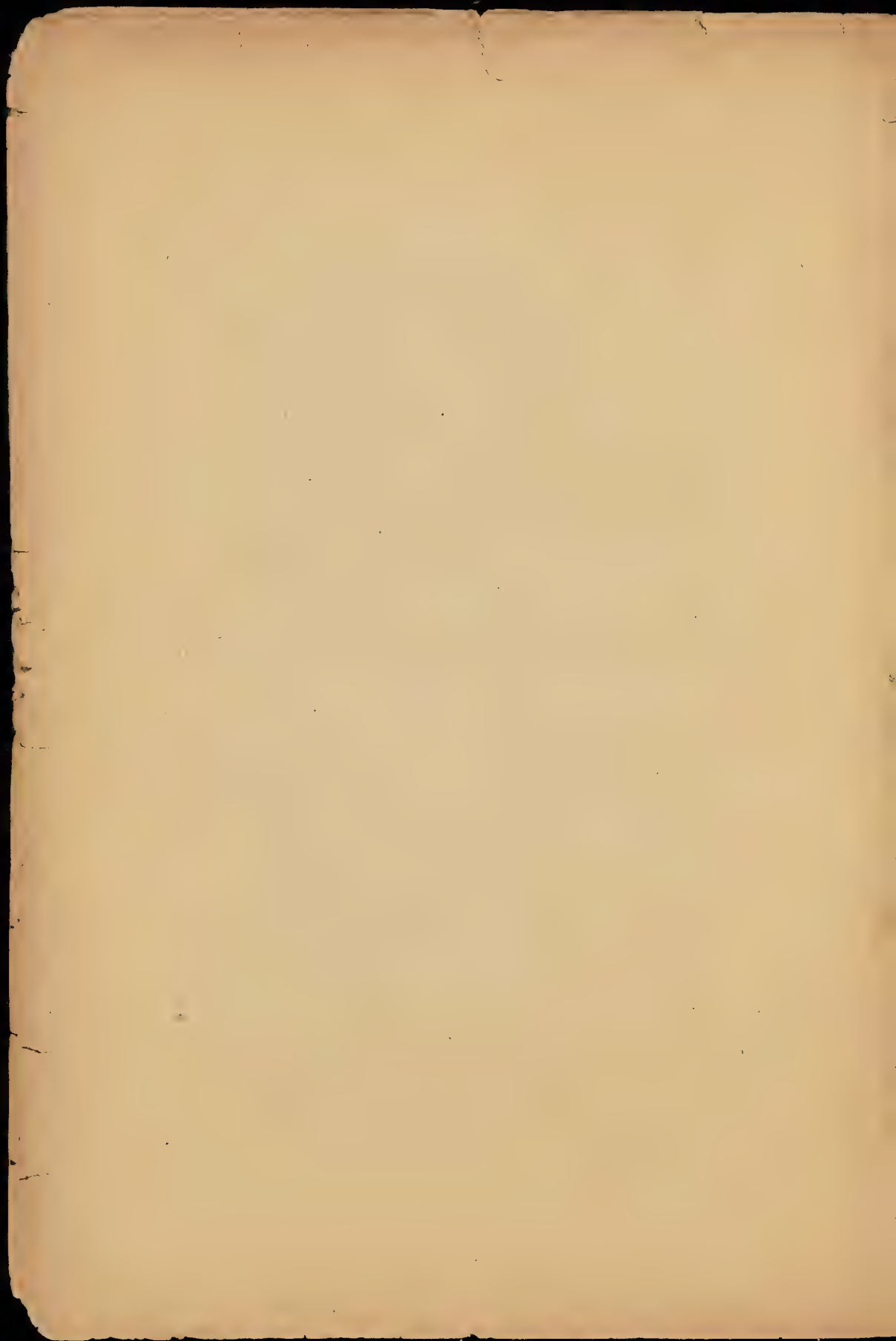
quem affirmaria quaes os touros que tinham sahido maus por serem já corridos?

Regra geral, é sempre julgado corrido o boi que menos se presta ao trabalbo e que peior jogo dá.

E será isto exclusivamente condição de boi picado?

Certamente que não! Touradas se tem dado em que passam por picados touros puros, e por puros os picados.

As condições de boi corrido é toda a acção defensiva que o touro possa representar para inutilisar os recursos do toureiro. Ora como a acção defensiva só deve ser natural nos bois picados, por isso que è a consequencia da pratica, como pode explicar-se que touros que nunca viram praça apresentem muitas vezes indicios de já serem corridos?

Não pode senão attribuir-se aos muitos defeitos de que o touro è susceptivel e á facilidade eom que os trazem á praça, sem attender a esses mesmos defeitos de que o principal o mais das vezes é a má qualidade do sangue.

PARTE SEGUNDA

O que eram d'antes as touradas na praça do campo de Sant'Anna

Umas funcções menos policiadas, mas mais alegres. O publico do *sol* gritava meia hora antes da corrida e batia desalmadamente na trincheira, que hoje é muralha, mas que d'antes era de madeira e chamava-se a segunda trincheira. Agitava-se, assobiava e quando aparecia a auctoridade dobrava a *cantiga*. Era um verdadeiro *charivari*, uma bulha infernal, que continuava sempre alimentada e progressivamente desenvolvida, pela variedade de bebidas, que não só se vendiam na trincheira, mas que os espectadores tinham tambem o bom cuidado de levar, para refrescar as guellas e estarem sempre promptos para os momentos mais solemnes. Á gritaria dos espectadores juntavam-se os pregões dos vendedores de licor, doces e ovos cosidos.

Pois houve nos ultimos tempos uma voz tão vigorosa e estridente, que sobresahia a toda aquella algazarra. Era a d'um espectador, que conseguiu por isso a celebridade, o sr. José Maior, um dos homens mais entendidos em assumptos tauromachicos, que tenho conhecido.

Foi o terror dos artistas, com as suas *peras*, como elle lhe chamava. E realmente era para temer, porque os seus ditos revelavam uma certa critica intelligente e rigorosamente artistica, além de muito graciosos e por vezes picantes.

Ainda muito creança frequentava as corridas em companhia de meu pae, que era grande enthusiasta, e dizem-me, que no tempo da sua prosperidade, gratifi-

cava sempre com uma peça de oito mil réis o forcado que melhor executasse o seu trabalho.

Tinha meu pae grande predilecção por João Pedro da Erra, notavel capinha portuguez, e pelo toureiro hespanhol Francisco Trigo.

Tive tambem um tio, irmão de meu pae, que contava como prendas especiaes, caçar, representar e pegar bois. Seria talvez a influencia do sangue, que desenvolveu em mim a predilecção pelo toureio. Não sei, mas o facto é, que ainda hoje vejo com prazer, uma boa corrida de touros.

Os touros que n'asse tempo se corriam *eram como os de hoje já não são*, valentes, carpolentos, de extraordinaria braveza. Arrancavam de largo a largo, tendo cinco e seis annos, em quanto que agora os d'essa edade enfadam-se logo ás primeiras sahidas. Lembro-me que os mais afamados eram de Raphael da Cunha e D. Rita de Villa Franca. Os primeiros descendentes, diziam, da melhor raça que houve em Portugal.

Actualmente os netos a maior parte das vezes, quando veem ao campo de Sanl'Anna, desmentem o bom nome de seus avoengos.

Decadencia de raça ou effeitos de mais prudencia e sensatez.

Effectivamente havia para alguns lavradores melhores proporções. e mais facilidade de obter terras de pastagens. E além d'isso, o numero das corridas era menor, o que não dava logar a tanto touro repetido, tornando-se hoje para elles, pobres animaes, serviço obrigatorio, contando ás vezes, duas epocas de effectivo, e outras duas na reserva.

Quando apparecia na praça um boi de menos corpo, já o publico se mostrava descontente, chamava-lhe carneiro e pedia o dono.

Hoje felizmente, ha mais decencia e só chamam o lavrador para o applaudir.

Os capinhas em praça vestiam uns fardamentos que seriam agora irrisorios, e cá fora, usavam geralmente de jaleco e chapeo alto.

Reuniam-se muito nos botequins da praça da Figueira, e eram pela maior parte pouco considerados. As pessoas mais graduadas, apenas lhe dispensavam um *tu*. Fallavam-lhe como aos seus lacaios.

Ultimamente, honra seja aos nossos artistas, tem procurado elevar-se, e o publico considera-os e respeita-os.

Dos capinhas de que ainda me recordo é de João Pedro, e João Alberto, conhecido pelo João barbeiro. Resta d'essa pleide de artistas o nosso velho José Cadete, que foi uma notabilidade, toureiro de sangue, valente e corajoso. Dispondo de poucos conhecimentos theoricos, tinha o segredo das organisações artisticas, não lhe chamarei o *fogo sagrado*, mas *a arte de conseguir*. O touro em que José Cadete não pozesse ferros quem os poria?

Convencidos d'isto os emprezarios, em havendo touro picado duas ou tres vezes, ou que se supozesse de não vulgar velhacaria, era destinado para o Cadete, coitado. Alguns touros vi eu que apenas saiam da gaiola tomavam logo o terceiro estado, já não tinham outro, e José Cadete importando-lhe pouco com as prevenções da arte, saia-lhe logo á tira, sem mais reparo, mas como antigamente, sem defeza, porque não voltavam o boi, era como elle se achava, direito e todo contra o artista, de fórma que o toureiro tinha de correr mais duas vezes que o touro. Pois José Cadete lá ia e punha ferros quadrando-se, e não obstante o pouco terreno que lhe ficava para fugir-lhe conseguia salvar-se, saltando d'um pulo ao terceiro banco da segunda trincheira aonda os espectadores o recebiam nos braços e o appladiam com enthusiasmo! Hoje o pobre artista, quasi que por caridade, é admittido nas corridas. Faz pena vel-o! Bem merecia receber o pouco que lhe dão e conservar-se dentro da trincheira durante a corrida.

Fui muito amigo de João Roberto. Grande artista e grande alma! Valente entre os valentes! Artista de

fogo de enthusiasmo. Brilhante no seu trabalho. Quando o touro o defeiteava brigava com elle e com a maior facilidade lhe pegava de costas ou de cernelha.

Joaquim Russo, começou com os melhores auspicios. Era muito certo nas sortes de gaiola e passava regularmente á capa, sendo de muita utilidade na defeza dos cavalleiros. Tambem toureava a cavallo, para o que lhe foi vantajoso, o tirocinio do toureio a pé. Algumas vezes na mesma tarde era cavalleiro e capinha. Por ultimo deixava de picar a pé por lhe irem faltando as pernas. Era homem dotado de um caracter alegre e de muita graça.

Nas praças de fóra, em lhe saindo algum «tonante» o cmpanheiro que trabalhava com elle tinha de pegar em mais alguns pares de ferros, porque Joaquim Russo, dividia-se, conversando com o publico, que ria a bom rir das suas chalaças.

Entre nós é forçoso confessal-o, o toureio a pé tem-se desenvolvido mais, e tem adquirido mais recursos, com a vinda á nossa praça dos toureiros hespanhoes, dos bons, porque alguns cá tem apparecido que mais parecem curiosos do que artistas.

A proposito d'estas reflexões vou tocar um ponto, que considero importante, com respeito ás nossas touradas por curiosos.

Vejo sempre com pena, que n'essas corridas, appareçam mais ou menos, uns capinhas que parecem exclusivamente destinados a preencher uma parte comica no espectaculo, que não está annunciada, mas que elles se encarregam de lhe addicionar.

É pois a esses que me dirijo, se lhes merecer a fineza da sua attenção; de contrario, tambem não ficaremos mal.

Senti como os senhores os mesmos desejos, mas pensei que antes de o tentar devia procurar saber fazel-o; e quando pela primeira vez me appresentei em publico, tinha já estudado algumas theorias e consultado um bom pratico Manuel Coutinho de Benavente, distintissimo curioso, cujo elogio é desnecessario que eu lhe faça, citando o que a respeito d'elle me disse

uma vez o conde de Vimioso, esse tão notavel vulto na arte de tourear á cavallo. «Coutinho para ser artista só lhe falta ganhar dinheiro.»

A estas palavras pronunciadas pelo conde de Vimioso, nada mais devo accrescentar; Manuel Coutinho por varias vezes bandarilhou na companhia do Cazuza e Frederico Nunes, dois notaveis curiosos, que rivalisavam vantajosamente trabalhando com os artistas.

Aos conselhos de Manuel Coutinho, devi pôr bem o primeiro par de ferros, que me valeu as mais *lisongeiras prophecias*, Mas como sempre considerei a gloria traiçoeira, fiquei-me d'essa vez, convencido de que, n'aquella occasião não poria outro tão bem, e esta convicção foi confirmada por João Roberto. Não hesitei e limitei-me a saborear as primicias do meu *triumpho!*

Aconselharei os inexperientes a que procurem conhecer as sortes, como devem ser executadas, como devem defender-se do perigo.

Habituarem-se primeiro a cortear os touros, com uma capa, por exemplo, que levarão colhida, e que depois mesmo lhe serve de defeza, arremessando-a ao touro quando forem a saltar para a trincheira. Custumarem-se a ver *chegar bem* os touros, adquirindo o sangue frio preciso. para lhe passar proximo da cabeça, vendo-os sempre com o espirito desanoveado.

Diz Manuel Coutinho, que tem visto algumas vezes a pelle do cachaço do bicho, cedendo á barbella do ferro.

É quanto basta para provar serinidade no momento do encontro e de pôr os ferros. Eu confesso ingenuamente, que tal caso nunca se deu comigo, reconhecendo que é possivel, para quem tenho perfeito sangue frio.

As sortes mais vistosas, são os corteios, as de cara, esperando o touro até entrar na jurisdicção, apontando os ferros rematando com o recorte e parando-se depois. Para esta sorte é preciso preparar bem o touro e que elle se preste. Sendo feliz, não é menos lusida que o quiébro. E se o boi não sae fica preparado para o corteio.

Ha outra saida, mais vulgar, mas tambem boa e que

quasi sempre se aproveita. Quando o touro, suppunhamos, volta da trincheira o curioso colloca-se, esperando-o na distancia que julgar conveniente conforme o estado do boi e a força de pernas de que ainda póde dispôr. Mostra-se primeiro ao touro e sae logo com a conta precisa, corteando-se e esperando sempre, até ao momento do encontro, em que aponta os ferros esperando a pancada e nunca espetando-os. É o touro que os deve tirar das mãos.

Devem todos os que começam a habituar-se a serem esquerdos e direitos, que é uma condicção importante e que facilita muito o trabalho. Evicta que o curioso tenha de fugir quando o boi venha pelo lado contrario ao seu geito, ou então tem de tomar mais terreno e sair mais largo; porém isto é difficil para os pouco praticos, e se tem de fugir, o publico traduz logo por medo, porque em arte e em virtude, dizer é nada, fazer é tudo. Quem quizer convencer tem de praticar.

Deve haver todo o cuidado em que o touro nunca invada o terreno da saida, sob pena de perder a sorte ou ser agarrado que é o peior.

Não darei de conselho aos pouco praticos, que tentem a meia volta fechada, porque alem de ser uma sorte traiçoeira não tem lusimento; sendo aliás difficil pela conta que precisa e embora o boi tenha que trocar as mãos, ás vezes, apezar d'isso, é bastante senhor de si para se adiantar e o sujeito acha-se rapidamente emborcado.

A saida d'esta sorte é sempre feia, porque se o homem foge e o boi o não segue é d'um mau effeito.

O preparar os touros e a collocação das mãos, deve merecer toda a attenção para sair a pôr um par de ferros. N'este caso podem os artistas valer de muito, auxiliando o curioso.

Nunca o curioso vá para a praça, esperando que o ponham em sorte e que lhe digam quando deve sair, porque quem ensina procede conforme o seu modo e os seus recursos, e é debaixo d'essa forma que ensina, quando deve ser o curioso quem regule os seus movimentos, segundo os que fizer o touro, e por conse-

guinte quem deve mandar preparar o boi para lhe sair na occasião opportuna.

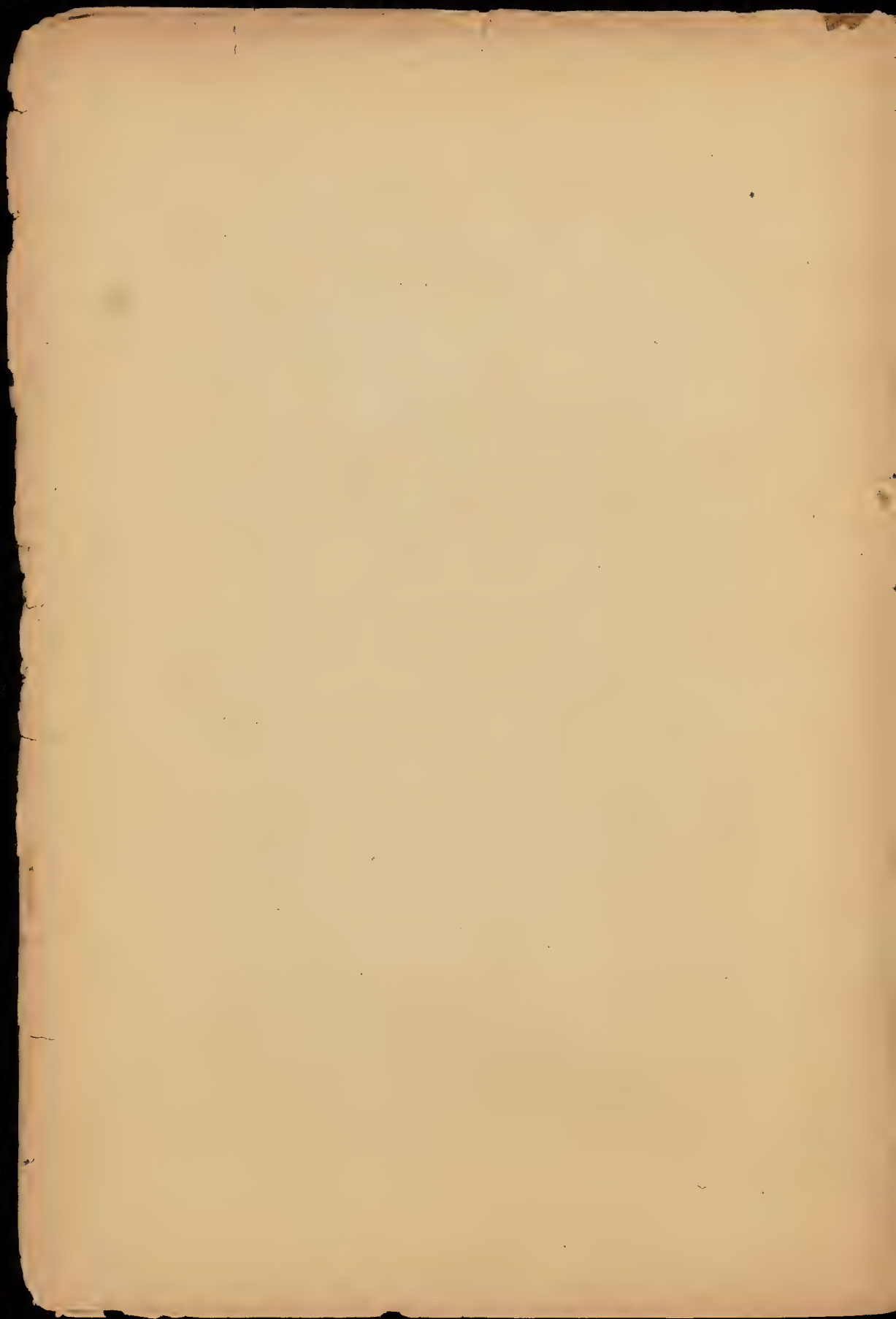
Os que vão *pela mão* são quasi sempre agarrados e fazem-me lembrar a victima que vão levar ao sacrificio.

Tourear, depende de saber, de vocação, de coragem e do que, em touros se chama alma. Quem não tiver todas estas vantagens e for atacado por esse phantasma, que nos torna inconscientes, que nos agarra com os seus braços de ferro e a que se chama: o *medo* não pense em tourear, porque o medo é tão patife e tão velhaco, que tenho visto esquecer muitos dos seus protestos, do seu brio, e até insurdecel-os a ponto de não ouvirem os mais provocantes desafios.

Alem das que indiquei, ha outras formas de sair aos touros; como a sesgo, a lance de capote, etc.

Não deve ser indifferente ao curioso, que o ponto em que deve mirar ao pôr os ferros, é o cachaço, e não olhar para as armas do touro. Assim como lembrar-se, que é quasi sempre melhor apertar-se com o boi do que desviar-se.

Há uma cousa que deve ser muito attendida. Dado o caso que o touro insista em saltar á trincheira n'um ponto determinado, nunca se devem ultimar as sortes para o mesmo sitio, porque o boi que tem apego áquelle logar, é mais prompto em saltar ali, podendo seguir o sujeito, ainda mesmo que lhe tenha posto os ferros, e saltar com elle, apanhando o individuo a maior das pancadas e das mais perigosas! Eram as que eu mais temia e de que procurava sempre salvar-me, o que felizmente consegui com bem o diga.

Sobre o trabalho de capa, pode o curioso estudal-o na tauromachia de Francisco Montes; compenetrando-se bem, de que é um trabalho que precisa ser feito com todo o cuidado e serenidade, tendo quem de fóra o auxilie, sem o que, é quasi impossivel escapar de ser agarrado ou desarmado.

PARTE TERCEIRA

As pegas

Dizem ser as pegas um trabalho sem arte. Não tem è verdade, as regras desenvolvidas e provaveis do trabalho do toreio a cavallo ou a pé, mas ainda assim, tem modo de se fazer e não é puramente material.

Supponhamos, uma pega de cernelha, é artistica, por isso que o individuo que tentar fazel-a, tem de obedecer a preceitos determinados, exemplo: não se agarrar ao touro empregando força, mas simplesmente procurar cingil-o, acompanhando os saltos do animal com a cadencia dos seus movimentos e salvando-se sempre de lhe cair sobre as armas, que é o maior perigo nas pegas d'este genero.

E caso notavel, são ás vezes mais ariscos e mais sentidos da cernelha os touros novos e puros, do que já picados e de mais edade.

As pegas de cara, sem duvida são as que mais agradam apezar de menos artisticas, mas mais audaciosas.

Estas pegas podem realisar-se com algumas prevenções, sendo a mais importante, estar o pegador bem quadrado, tanto no momento de citar o touro, como até áquelle em que o recebe, amparando a pancada nos braços e fechando-se logo com o boi.

Dizia o famoso Sant'Anna de Salvaterra, notavel moço de forcado, que quando o touro entrava bem podia ter no peito uns poucos de ovos, que o boi os não partiria.

É tambem importante a distancia de terreno em que se chama o boi, o estado em que se acha e as condições naturaes do animal.

Julgou-se muita tempo de grande vantagem «dar

muita terra ao boi» mas a experiencia mostrou, que só dadas circumstancias pouco provaveis se deve proceder assim, por isso qne, geralmente o touro é pegado no terceiro «estado» o aplomado, e é justamente aquelle em que o animal, ja enfadado do castigo, com menos vontade e ás vezes mal intencionado e com apego á crença, arranca fazendo um exforço e com mais acção deffensiva do que offensiva.

Usava-se muito d'um recurso, que era: na occasião em que o touro vinha já proximo, arremeçar-lhe uma jaqueta ou outro qualquer objecto em que o boi quebrasse a pancada. Era bom, quando não desmanchava a que em seguida dava no pegador.

O momento de certo mais opportuno, porque a opportunidade é tudo em touros, é quando o boi depois de *bem passado* com a capa ou moleta, o que artificialmente lhe pode dar por momentos, o estado levantado, e um certo quebramento de forças acompanhado ainda da vontade de investir, o pegador o cita promptamente de frente ou ao sopé, dando-lhe apenas a distancia conviniente e sendo logo coadjuvado pelos companheiros.

Tanto em crença natural como accidental, nunca deve chamar-se touro algum, pelo grande perigo que offerece a investida que é sempre mal intencionada.

As pegas de costas devem realisar-se com o auxilio do capote.

O pegador pede a um bandarilheiro que lhe chame o touro á trincheira e quando este volta, o movimento do pegador deve corresponder ao que se faz para pôr bandarilhas, corteando, com a differença, que vae saindo de costas voltadas pará o touro e empregando menos violencia na carreira, até que na occasião do encontro se deixa agarrar, dando primeiro o lado do corpo que vae voltado para o touro e tendo saido para aonde o boi deixar mais terreno. Procura a sorte corteando-se, atê encontrar-se com o boi, antes d'elle se aproximar da trincheira, podendo com o braço que lhe fica livre deitar logo a mão á outra aste e fazer-se fixe, sobraçando-se depois e impellindo as pernas para a frente.

Ha uma forma de brincar com um touro, pouco usada e que é d'um effeito extraordinario. Depois do boi pegado, fica um dos pegadores só com o touro e lança-lhe a mão direita á cauda, fazendo com que o boi se volte a procural-o, e n'essa occasião deita a mão esquerda á aste do touro, forçando o animal a dobrar o pescoço, e andando de roda por um pequeno espaço de tempo. A saida é o mais perigoso, mas pode conseguir-se perfeitamente a salvo, com o auxilio d'um capate que de fora chame a attenção do boi, ou então com a approximação dos cabrestos.

Vi praticar isto muitas vezes a um dos nossos mais distinctos capinhas, que a fatalidade roubou aos extremos da sua familia e dos seus amigos, João Roberto da Fonseca.

Perguntando-lhe uma vez se eu poderia conseguir realisar aquelle trabalho sem ficar na cabeça do touro, respondeu-me : que só dependia de vontade e coragem, e ensinou-me o fórma de o fazer.

Mais tarde tentei-o n'um boi que julguei a proposito e consegui-o com felicidade. O publico applaudiu e eu fiquei contente.

Sinceramente confesso, que ainda me recordo com saudade dos meus *altos feitos* tauromachicos, que hoje a minha obsidade e algum rheumathismo torna impossiveis, sob pena da realisar o proverbio de : *Ir buscar lã*...

Vem a proposito contar aqui um caso de que fui testemunha.

Conheci em tempo em Villa Franca um moço que tinha a alcunha do *Marovinha* neto do abegão do antigo *Capitão Mór* d'aquella villa.

Este rapaz indo trabalhar para o Alemtejo, foi atacado de sezões, que terminaram por symptomas de affecção pulmonar, segundo a opinião d'um medico.

Indo eu uma vez a Villa Franca, havia touros n'essa tarde, encontrei o *Marovinha* e consternou-me o estado de abatimento e magreza em que o pobre moço se achava.

Depois de o ouvir, aconselhei-o a que se conformasse, respondeu-me que a tudo se conformaria menos á deixar de pegar bois.

—Você está doido, só se quer morrer mais depressa.

—Pois embora; talvez esta tarde lá vá, prefiro morrer d'uma pancada d'um boi a morrer estupidamente na cama.

Não quero affirmar se já n'essa tarde começou tão *suave* tratamento, mas o facto é, que não desistiu e com a contiuuação achou-se sadio e forte — *Similis similibus*. Comtudo, apezar de sair errado o diagnostico do medico, que lhe prophetisara morte proxima, sempre direi que acho o *tonico* forte de mais. Emfim como ha gente que já descrente de todos os systemas procura receitas particulares, esta ahi fica, não me responsabilisando eu pelo resultado.

Havia nas corridas antigas o uso, que ainda ultimamente era seguido nas touradas por curiosos, mas contra o qual sempre me revoltei, que era o persistirem os forcados durante a corrida fóra da trincheira. Isto é condemnado pela arte e se havia lances em que os moços de forçado provavam coragem e valentia repellindo o touro que ia accommettel-os, o que só podia ser assim considerado quando o bicho se dirigia á chamada *casa da guarda*; porque as mais das vezes que isto se dava, era vindo o touro castigado de ferros, e então atacava *inconscientemente* permitta-se a phrase, e nem via nem sentia o forcado que lhe apontavam, resultando em varias occasiões a inutilidade de um ou dois pegadores, e ferimentos nos homens e nos touros.

Seria um acto de bastante coragem não contesto, mas brutal aos olhos da arte.

Em touros, hoje, não deve a arte ser sacrificada por exercicios que possam tornar repelentes as corridas, nem justificar nunca o dizer de muita gente, alheia ao toureiro, que affirma: «que tourada em que não haja desgraça não prestou.»

A auctoridade que prohibiu as pegas devia ter prohibido antes, os picadores de «vara larga», toureando sem defeza, sacrificando os pobres cavallos e esfarrachando os touros, a ponto de morrerem no dia immediato; como aconteceu a um do sr. Gaspar da Motta.

O tourear á *vara larga* é uma fórma de toureio muito acceitavel quando é feito com regra e conforme fica dito na primeira parte d'este folheto

E tanto assim deve ser, que se chama ás varas, *varas de deter* o que claramente mostra, que é obrigação do picador, evitar com a vara que o touro se aproxime do cavallo. Assim como os ferros das varas (tem outro nome), nunca devem exceder o preciso, para castigar o touro unicamente e nunca para lhe esfarrachar o cachaço

---

Passaremos ao regulamento, que rigorosamente a auctoridade deve exigir das emprezas das corridas de touros.

Affigura-se-me que, seguidas á risca as prescripções indicadas, não será facil dar-se qualquer caso fatal de morte ou aleijão, porque pancadas de maior ou menor importancia não ha regulamentos nem prevenções que as possam evitar.

Dizia um velho amador, que quem entrasse n'uma corrida de touros o melhor que poderia sair era sujo, e eu direi, que quando consiga sair limpo, pelo menos sae moido. Apezar de que, affirma Francisco Montes com toda a sua auctoridade, «que o individuo que em touros praticar com serenidade e arte, todas as regras que elle estabelece no seu *Tratado de Tauromachia*, pode estar tão descançado, como em sua casa sentado n'uma cadeira.»

Pena é que a experiencia, tenha por tantas vezes desmentido o celebre professor.

REGULAMENTO

Artigo 1.º A empreza será obrigada a contratar dois grupos de moços de forcado em cada época, compostos de homens novos, sadios e não affeitos ao vicio da embriaguez.

Art. 2.º Cada um dos grupos será composto de oito homens pelo menos, escolhendo d'entre elles o mais pratico e habil para ser o cabo ou chefe.

Art. 3.º Estes dois grupos trabalharão alternadamente em cada corrida, havendo sempre dois ou trez homens de prevenção para o caso, de que, quando algum dos que trabalham se recolher á enfermaria, não voltar á praça ainda ferido ou magoado.

Art. 4.º O vestuario dos moços de forcado ao entrarem na praça, deverá ser rigorosamente acceiado, vestindo calção d'anta amarella, sapatos de cabedal branco de entrada baixa, debruados de galão preto e laço da mesma côr, jaquetas de chita de ramagem, lenços pretos no pescoço, collete branco, com atacadores encarnados, cinta de lã encarnada, chapeo de feltro branco com fitas largas azues e brancas e ao hombro jaqueta de panno azul ferrete, com botões de metal branco, forcados de metal amarello e cabos de madeira polidos.

Ás cortezias usarão dos chapeos, que depois devem trocar por barretes verdes com vivo encarnado.

Art. 5.º Antes de começar a corrida ao cabo ou chefe dos forcados, cumpre dar conta ao director, de qualquer incidente, que se dê entre os seus companheiros, que posse prejudicar o serviço.

Art. 6.º Em todas as corridas de treze ou quatorze touros, o numero dos destinados para o trabalho das pegas, será de cinco a oito, o maximo, o que será previamente annunciado, pelos cartazes e programmas, e

que não poderá ser alterado depois dos cartazes affixados e distribuidos os programmas.

Art. 7.º Os touros destinados a serem pegados, deverão ter um distinctivo qualquer, pelo qual o publico fique sabendo que lhe não é permittido exigir nos outros touros da corrida o trabalho das pegas.

Art. 8.º Não poderão ser destinados para pegas os touros de mais de quatro annos, os que forem muito *acaldeirados, escardados, baixeis, gaiolos, mal vistos* ou *tortos* e bem assim, os touros vulgarmente chamados *atarracados,* salvo se o director da corrida, julgar estes ultimos de tão bom sangue, que depois de lidados percam muito do poder que lhes é natural.

Ao director da corrida pertence:

1.º Escolher os touros que devem ser pegados:

2.º Verificar se as embolações, cordeis e argolas tem a precisa solidez, exigindo, se assim o entender, que sejam novas as bollas e os cordeis.

3.º Obervar durante o tempo que os touros são picados e passados á capa ou moleta, quaes as intenções que vão manifestando. Como passam d'um a outro estado, vendo attentamente se o touro adquire qualquer defeito, se procura defender-se, tapar-se ou metter mal a cabeça. N'estes casos mandará logo sair os cabrestos para o touro ser pegado de cernelha.

4.º Quando mandar sair os forcados para pegas de cara ou de costas, deverão acompanhal-os trez capotes para que os bandarilheiros lhe prestem o auxilio que seja necessario.

5.º Não consentir que os moços de forcado citem os touros em qualquer das crenças, nem mesmo atoadas, para o que deve haver um toque de clarim chamado de retirada.

6.º Que seja um pegador a chamar o touro, e que os outros se aproximem o quanto possivel, para acudirem logo que o primeiro caia na cabeça do boi.

7.º Quando os touros insistirem em se «pararem», que os capotes os puchem e o pegador os cite na saida da capa.

8.º As pegas de costas, que não sejam ultimadas,

logo que o touro acaba de ser passado, só poderão realisar-se depois do boi ter sido chamado á trincheira, esperando-o o pegador na volta.

9.º Os forcados que faltarem ao cumprimento das ordens do director, devem soffrer a multa de 10 a 50 por cento do seu vencimento, que será elevado a seis mil réis em cada corrida e mil réis de gratificação ao cabo.

Art. 9.º O director como o responsavel para com a auctoridade, deverá ser extranho durante a corrida a qualquer influencia e reagir contra pressões que o obriguem a faltar ao rigoroso cumprimento dos deveres a seu cargo.

91-B11219